



Retirada da festa do Senhor Jesus da Serra

Voltam aquelles amigos da festa do Senhor Jesus da Serra.

São todos de familia.

O masculino mais gordo, que, pelas fórmãs e expressão da physionomia, parece um negociante de queijos, é um estanceiro de segunda ordem; um estanceiro que vende mais arêa, mais cal, mais serradura, mais tijolo, e outras miudezas correlativas, de que madeira. Parece ser homem de mão genio, a julgar pela assanhada caratonha, que, mesmo no seio do contentamento, em que lhe pula a alma, litteralmente banhada nos alegres vapores do alcool, com tanto relevô lhe sobresaê.

O maduro rapazola, que avulta na frente de todos, é filho d'elle. Este não illude. Tem cara de carpinteiro, e não é outra cousa. Trabalha quanto pôde e quanto não pôde; e quando apanha lá por fóra algum proprietario inexperiente e palonço, que lhe deixa cair nas mãos a direcção de uma obra, torna-se o salvador da casa, dando logo saída a toda a madeira, que, havia annos, jazia arrumada, tal como ficou, desde que veio da estancia de primeira plana.

A femêa do rancho, já bastante entradinha, de bellezas e chapellino da moda, que uma habilidosa creada do visinho do primeiro andar lhe arranjou, como muitas outras cousas, em troca de serradura, cuja importancia a tal creadinha vae arrecadando para os seus alfinetes, é a cara-metade, a esposa estremosa, a fiel companheira do estanceiro. Tambem não a ajuda a cara. Principia pelo nariz, nariz de papagaio, nariz de passaro manhoso, que ao próprio dono paga um quarteirão de festas, com uma valente mordella. Em seguida temos o seio immenso que lhe não deixa ver a barriga, apesar de ser barriga, de-

fronthe da qual todos pasmam e louvam a Deus, por este haver criado um ente que pôde com o pezo e a impressão de um tal volume. Depois olhem-lhe para as ilhargas; imaginem-na com as mãos ahí, de pé, dando á cabeça e mordendo o beiço, e digam-me que trovoadã não deve esperar quem tiver a imprudencia de a irritar.

No fundo do grupo depara-se com o avô do chefe da familia. Está magro, mas já foi mais gordo de que o filho. Padece muito de nervoso; e, por tal signal, leva elle agora umas dores de cabeça tão fortes, que se vio obrigado a amarrar a testa. Coitado. Não lhe servio o jantar de proveito. Lançou tudo pelo caminho. O que lhe valeu foi ser homem de muita vida, homem de tempera rija. Na força do seu mal, lá vae desprendendo o seu sorriso, desatando a sua gargalhada, que, em outro qualquer, as dores não deixariam soltar. Uza chapéo alto, porque é sapateiro de outros tempos, dos que não largavam nunca aquelle traste, nem o capote de mulher.

O marmanjo que vae guiando é o moço da estancia. Este vae fóra do seu lugar. É elle que devia puchar a caranguejola, em lugar daquelle pobre animalejo.

Tudo tem o seu reverso.

De que havia aquella boa gente lembrar-se? Arvorar a sua carroça em *char-à-banc*! E o pobre do cavallinho, já semi-morto do trabalho cruelmente excessivo de toda a semana, tendo apenas a pelle sobre o osso, e talvez em jejum, a puchar por uma carga assim de volumes cheios de liquido, o corpo mais pesado que os gallegos, notem, que os gallegos conhecem. Não vão, de certo, bem; mas por irem mal, é que a sua alegria exulta. Os effeitos mechanicos da embriaguez carecem de

ser contrabalançados. Se este equilibrio se dá, cresce o enthusiasmo, e rebenta o delirio, porque nada ha, então, que melhor saiba ao corpo adormecido, á turvação do espirito, e aos olhos inflamados, de que os salavancos daquelle futrica, e os esforços violentos, e, muitas vezes, mortaes, do animal.

Comtudo, o momento do quadro não é este, como á primeira vista poderia julgar-se. Mas para lá caminha. Quiz poupar ao leitor a representação de uma scena, que é a vergonha da alma, a lesão do coração, e a cobardia do fortissimo e irresistivel poder humano. Um animal correndo estonteado, e com as ventas espirrando sangue, era assás repugnante. E recrimina-se a litteratura moderna por não ser tão moral como espirituosa, tão civilisadora como recreativa.

Contente-se o leitor com a introdução. A bella sociedade retira da festa. O infeliz solipede, que já para lá puchou arrastando as magras e estropiadas pernas, agora não pôde dar uma só passada. E, comtudo, de vez em quando, anda, corre, vóa. É o desespero da dôr, sacudido pela convulsão dos nervos. O improvisado cocheiro está preparando esse quadro, e enquanto se não completa, vão-se os patuscos entretendo com os transeuntes. Se se bispa um amigo, tanto melhor calhará. Que festa! Que alegria!

Muito se offerece do que não ha!

Chama-se, alicia-se-lhe o appetite, mostrando-se-lhe garrafas. Grande amisade. Maior franqueza. Mas o carro não pára, e faz bem, porque as garrafas já não levam nada!

Eis o momento do desenho, que o nosso mais novel e esperançoso discipulo, o sr. Candido Feijó, gravou com tal capricho e intelligencia, que não parece ser este um dos seus primeiros ensaios.

Semelhantes factos raras vezes apparecem, e, em o nosso paiz, não conheço nenhum equal. Se não me engano, podemos contar em breve com um gravador distinctissimo. Deus o permitta. A arte e o paiz folgarão com isso; e com ambos eu, por não ter sido util só a mim; mas por haver protegido, tambem, aquelles que me pediram o ensino e a gloria.

NOGUEIRA DA SILVA.

### PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 321)

Suppondo mesmo que o ensino de Coimbra não esteja em relação com as exigencias das sociedades modernas, devemos confessar que dessa escola, durante os ultimos cincoenta annos, saio um grupo de intelligencias que fariam honra a qualquer paiz de primeira ordem. Na nossa ignorancia da lingua, lemos uma estancia traduzida de Camões, e julgamos conhecer a litteratura portugueza; nem mesmo suspeitamos que existam escriptores como Almeida Garrett, Feliciano de Castilho e Alexandre Herculano, que, inspirando-se nas idéas modernas, crearam em Portugal uma escola nova. O primeiro, que morreu em 1854,

primou, sobretudo, no romance; Castilho, o poeta cego, rejuvenesceu as tradições lyricas da musa dos *Luziadas*; Herculano, emfim, renovou a historia nacional, e devem-se-lhe chronicas onde uma exactidão escrupulosa se liga a uma forma viva e dramatica. Em torno dessa triplice personalisação do pensamento vem-se agrupar as narrações historicas do sr. Rebello da Silva, e os romances humoristicos do sr. Mendes Leal. (2) Não é só pelos productos da imaginação que esta escola se tornou celebre; o estudo do direito nada fica a dever ao das letras. Demais, o portuguez é jurisconsulto por instincto, gosta da rede juridica; principalmente no norte, cada familia quer ter o seu advogado, e não faltam assumptos de demandas. Felizmente, uma magistratura integra acalma tanto quanto pôde este genio de chicana. A theologia e os canones tem igualmente as suas cadeiras em Coimbra; lá são ensinadas as sciencias mathematicas e naturaes, ha alguns annos sobretudo, e com um certo successo. Existem, sem duvida, outras escolas em Portugal, a Escola Polytechnica de Lisboa e do Porto etc.; mas a Universidade de Coimbra é a unica universidade. As relações de juventude que ali se travam são amissades para toda a vida; deixa profundas raizes, e esta camaradagem tempera os odios entre os homens, ainda que um instante os separem os interesses e as paixões. A Universidade de Coimbra conservou por tal forma o seu velho ascendente que os proprios brasileiros, ainda que ha muito separados de Portugal, não poderam perder a tradição; não poderam esquecer o caminho desta cidade dos seus floeos amores e para lá enviam seus filhos.

No Porto, para onde fui, depois de passar alguns dias em Coimbra, não é já a mocidade, é uma virilidade sazoadada que se pôde sobretudo observar. Se o clima apresenta os mesmo encantos que em Lisboa e em Coimbra, a natureza mostra-se mais opulenta e mais vigorosa nas ribas escarpadas do Douro. Uma potente vegetação matiza, com a sua verdura, as rochas graniticas, e nesses degrãos duma escada de gigantes viçam em esplendida flor magnificas moitas de camelias. O Porto pendura as suas casas e os seus monumentos de aspecto sombrio e severo, aspecto que o granito lhes dá, nas ingremes encostas da margem direita, enquanto na margem esquerda, Villa Nova de Gaia esconde entre as magnolias os seus armazens de vinhos. Se este panorama não tem a grandiosidade do de Lisboa, produz, apesar disso, um magnifico effeito. Apodera-se quasi do viajante um sentimento de receio quando, vindo do mar, se arrisca, pela primeira vez, nessa estreita garganta, donde o rio foge levando adiante de si tudo quanto se oppõe á sua corrente impetuosa.

Dotado duma imaginação menos brilhante, de uma intelligencia menos prompta do que o habi-

(2) Precisamos de fazer notar os erros crasses que formigam nesta apreciação da nossa litteratura? Vê-se que o auctor curou por informações, muito por alto collidas, e que não conhece uma unica das obras dos escriptores que cita.

lante do sul de Portugal, o homem aqui mostra uma energia de caracter pouco vulgar, energia que contrasta com a elegante ociosidade de Lisboa ou com a exuberante petulancia da mocidade de Coimbra. Os opulentos capitalistas do Porto reúnem-se na rua dos Ingleses e na rua das Flores, não para discorrer sobre frivolos assumptos, mas para discutir os seus negocios. Nas ruas empinadas da cidade nota-se uma população activa que em todos os sentidos se agita; chega um paquete de Inglaterra, outro, arrojando ao azul do céu as suas ondas de negro fumo, vae partir para o Brazil; é preciso descontar á pressa uma lettra, velar pelas accommodações ultimas nesse brigue prompto a abrir as velas ao sopro da brisa. Pesados carros, puxados por bois pequenos e fortes, atulham os caes, enquanto no rio se cruzam barcos de todas as formas e de todas as dimensões, a pesada chalupa, e a gondola ligeira. O portuense ufana-se dessa actividade febril. É com a Inglaterra que faz mais negocio. Em troca do seu ferro e do seu carvão, a Inglaterra leva fructas, vinho, gado e sal. Não nos espantemos do favor, que o commercio inglez desfruta; explica-se com o facto que um negociante portuguez me indicou: «os francezes não são commerciantes; chegam, vendem, e levam o nosso dinheiro; os ingleses trazem as suas libras, e levam as nossas mercadorias.»

Ainda que parcimoso, o portuense é hospitaleiro; gosta da ostentação; por isso, não é raro encontrar sumptuosas residencias junto dos edificios industriaes. Tal é o palacio do Freixo, que se encontra, subindo o rio, a dois ou tres kilometros da cidade. Se o portuense pensa em passeios e em theatros, fiquem convencidos que é mais para se submeter á moda do que por gosto; em que elle pensa é no Banco União, e na caixa hypothecaria. Gosta do luxo para ostentar as suas riquezas. Pela sua indole positiva e um tanto rude o portuense está sempre em opposição com o *alfacinha*, que lhe paga chamando-lhe *tripeiro*. O lisbonense accusa-o de não ter bom gosto; é possível, mas conserva o Porto uma superioridade que a capital lhe não pôde disputar; é que no Porto as mulheres são maravilhosamente lindas. Demais, em todo o norte de Portugal, a mulher é geralmente bella; alta e airosa, branca e rosada, olhar ardente, rosto oval e distincto. Foi pelo menos assim que me appareceu o typo; mas gosa effectivamente no reino todo de uma reputação de formosura.

A segunda capital do reino revolta-se contra o jugo da primeira; tudo é motivo de comparações e de rivalidade. Passeiava eu um dia entre dois amigos; um nascera no Chiado, o outro era tripeiro puro; o primeiro acabrunhava este com toda a superioridade de Lisboa. Passou um grupo de raparigas de pelle alvissima, olhar ardente, cabello curto e annelado; ornavam-lhe o pescoco cruces d'ouro e collares, na cabeça um lenço de rendas; todas levavam na mão o largo chapéo enfeitado de seda. Este espectáculo despertou a

veia do portuense: «Mostre-me, exclamou elle, um grupo assim em Lisboa. Olhe, admitto que o seu Tejo é mais largo do que o Douro, mas outra concessão não lhe faço eu, e o Tejo mesmo não tem as lindas barqueiras do Douro.» Espantou-me não o ouvir citar a maravilha do Porto, a *Torre dos Clerigos*, que serve de campanario a uma das igrejas construidas no cimo da cidade. De construcção moderna, a architectura da Torre dos Clerigos é desse estylo bastardo adoptado pelos jesuitas no seculo XVIII, e cujos contornos disformes e vulgares substituiram as formosas linhas da arte italiana. Essa torre, ou antes esse campanario, não é notavel senão pela sua elevação, que permite aos viajantes verem-no de longe e orientarem-se no mar.

No dominio da politica, a rivalidade das duas cidades foi occasião de luctas numerosas para o Porto, a cidade *sempre nobre e sempre leal*; é esse o seu titulo. Os reductos da *Serra do Pilar*, que ficam, sobre um morro elevado, á margem esquerda do Douro, num antigo convento, lembram-lhe o cerco glorioso que sustentou contra o exercito de D. Miguel de 1832 a 1833. Este povo de negociantes mostrou verdadeira grandeza durante esse periodo de combates heroicos. O incendio devorava os haveres, a morte enluctava as familias, o rodar da artilharia substituia nas ruas a actividade commercial; nada, contudo, pôde vencer a sua obstinação, e a causa da liberdade triumphou em Portugal; mas nos dias tranquilos esse character violento e independente seria um perigo continuo para os governos se tivessem escolhido o Porto para metropole. Orgulhosos dos predicados que desenvolvem na lucta, os habitantes desta cidade estão promptos sempre a lançar-se no movimento. Em 1842, Costa Cabral faz no Porto uma revolução que lhe entrega o poder; em 1846, é ali que José da Silva Passos estabelece o centro do seu governo popular; em 1851, o marechal Saldanha encontra no Porto as forças necessarias para uma sublevação que derruba o conde de Thomar. Não é extraordinario serem tão promptos estes homens de negocio a renunciarem aos beneficios da paz para se lançarem nas aventuras?

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

## PASSATEMPO LITTERARIO

A viagem do Presidente De Brosses pela Italia.  
na parte anecdotica e facetica

(Continuado de pag. 184)

## III

Em uma povoação do Estado de Veneza, a primeira que se encontra no caminho que De Brosses seguia, isto é, de Milão a Mantua, teve o nosso viajante uma nova occasião de dar largas ao seu genio jovial.

Foi-lhe necessario fazer alto em Villa Franca, para deixar passar a calma. Deparou-se-lhe uma igreja muito fresca; mandou buscar uma meza e uma cadeira, e pôz-se a escrever para França.

A pobre gente que passava, vendo um estrangeiro, vestido sem cerimonia, e a escrever em

tal estancia, deliberava-se por curiosidade a entrar, até que veio De Brosses a estar rodeado da multidão. Um dos habitantes, mais desembarcado, affoutou-se a perguntar-lhe o que estava elle fazendo. De Brosses deu-se pressa em responder: — que lhe agradava tanto aquelle templo, que resolvera traçar uma descripção para mandar fazer uma capella semelhante no Serralho. — A carta em que De Brosses refere esta aventurasinha, termina deste modo: = Mas é tempo de deixar esta boa gente, e a vós tambem, sr. de Blancey, para ir dormir um pouco antes da partida :

*Poi che da quatro lati ho pieno il foglio,  
Finir lo scritto, e addormentarmi voglio. =*

— É esta Villa Franca a povoação que em 1859 adquirio grande celebridade pela entrevista do Imperador Napoleão III com o Imperador Francisco José, e pela assignatura dos preliminares da paz, que ficou sendo denominada — de Villa Franca.

Comquanto se trate de um acontecimento de nossos dias, parece-nos conveniente fixar algumas datas, para bem determinar a da indicada entrevista.

Anno de 1859. Os Austriacos passam o Tessino no dia 29 de Abril; a 12 de Maio desembarca o Imperador Napoleão III em Genova, e no dia 13 recebe a visita de El-Rei Victor Manoel; — em 30 mesmo mez chega o Imperador Francisco José a Verona; — a primeira batalha pelejada contra os Austriacos em Montebello, 20 de Maio; — a de Magenta, em 4 de Junho; — a de Solferino, em 24 de Junho; — 11 de Julho, entrevista dos dois Imperadores; — 12 de Julho, assignatura dos preliminares da paz.

Meu Deus! como tudo marcha rapido em nossos dias! Vêde um recentissimo exemplo: Declara-se a guerra da Prussia contra a Austria em 14 de junho do anno de 1866; — no dia 18, immediato, occupam os Prussianos Dresda; no dia 25 dão-se os primeiros combates; — no dia 3 de Julho, batalha de Sadowa; — no dia 4 pede o Imperador Francisco José a mediação da França!...

— Mas voltemos ao nosso viajante.

Quando De Brosses chega a Padua vae visitar a casa e capella magnificas que ali tem Santo Antonio.

Deixemol o primeiramente rir á sua vontade, que depois havemos de pedir ao Padre Antonio Vieira, que venha doutrinal-o.

= Eis-me aqui (diz De Brosses em uma *Memo-ria sobre Padua*, que dirige a M. de Neuilly, em data de 28 de julho de 1739), eis-me aqui visitando o que se chama *Santo*, por excellencia, isto é, Santo Antonio de Padua, que não excita menor admiração do que S. Carlos em Milão. A differença, porém, é consideravel entre elle e um cidadão excellente e prestante. Eu ri, a mais não poder, com a lembrança que os Paduanos tiveram de pintar nos recantos das paredes de suas casas a imagem do seu santo Antonio, para impedir que lá vão urinar os transeuntes. Já eu sabia, antes disso, que Santo Antonio prestava para alguma cousa: Os maritimos portuguezes, que navegam para a Índia, levam consigo a imagem de Santo Antonio, á qual pedem que

lhes dê bom vento, amarrando-a aos mastros da embarcação até elle fazer o milagre. =

Cita, em abono desta asserção, o testemunho de um viajante, Pietro della Valle, que assim se exprime :

= Volevano legare l'imaginetta del detto santo Antonio perche ei desse buon vento, ch'è come imprigionata, minacciando di non sciorla, fin tanto che non abbia loro concesso ciocche dimandavano; ma pure restarono di farlo ad istanza del piloto che diede parola per lo santo, dicendo, ch'era tanto onorato che senza esser legato ne preso, avrebbe fatto quanto essi ricercavano. Pure al venti nove di decembre, il capitano con gli altri del vascello se risolverono al fin di legar il santo Antonio. =

Como dissesse: = Queriam amarrar a imagem de Santo Antonio, para que desse bom vento, ficando como que em prisão, e ameaçado de não ser restituído á liberdade em quanto não houvesse feito o que lhe pediam; mas, a instancias do piloto, desistiram do intento. Disse o piloto que ficava por fiador do Santo, asseverando ser tamanha a honra deste, que sem mesmo o prenderem faria tudo quanto se requeria. É, porém, certo que no dia 29 de Dezembro, tanto o capitão, como os demais marinheiros se resolveram, afinal, a prender o santo. =

Em tudo admira De Brosses a casa que Santo Antonio tem em Padua, por muito bella, e por ser uma residencia soberba. A capella é toda enriquecida de ouro e prata, de candelabros do mesmo metal em pedestaes de marmore, tudo primorosamente obrado, afóra uma grande quantidade de baixos relevos de marmore, bons e máos, de Sansovino, do Lombardo, e de outro que não lhe lembrava o nome.

As dadas, resultantes de promessas, eram tantas, que o Santo não admittia na sua camara senão os objectos de ouro ou de prata massiça; os outros ficam em um quarto lateral.

Nessa capella encontrou De Brosses um quadro, no qual pintaram um jumento, no acto de fungar sobre a ração de cevada para se pôr de joelhos diante do Santissimo Sacramento.

Neste lance, é De Brosses de uma grande gravidade, lamentando que a miseravel superstição manche com as suas momices o verdadeiro sentimento religioso.

Na igreja de Santo Antonio ha alguns tumulos excellentes, e com particularidade os de Cornaro, de Contarina, e de Ferrari. — Ha duas capellas pintadas a fresco pelo celebre Giotto, — nas quaes, atravez do defeito da infancia da pintura moderna, se notam as inspirações do talento e do genio. — No oratorio de Santo Antonio ha algumas pinturas a fresco do Ticiano, nas quaes podia começar-se a ver o que elle havia de vir a ser.

— Para não ficarmos sómente com as impressões do faceto De Brosses a respeito de um santo, que tão de perto interessa aos portuguezes, saboreemos um bello rasgo de eloquencia do Padre Antonio Vieira a respeito de Santo Antonio de Padua :

— Se Lisboa foy a aurora do seu oriente, seja Padua a sepultura do seu ocaso. — Levante Padua glorioso mausuleu ás sagradas reliquias de Antonio, e veja-se esculpida nas quatro fachadas delle a obediencia dos quatro elementos, sogei-

tos a seu imperio. A terra com os seus animaes prostrados, o mar com os peixes ouvintes, o ar com as tempestades suspensas, o fogo com os incendios parados. Pendurem-se nas pyramides por trofeus os despojos inumeraveis de sua beneficencia: as bandeyras dos vencedores, as anchoras dos naufragantes, as cadeias dos captivos, as mortalhas dos resuscitados, e dos enfermos de todas as enfermidades, os votos. Dispa-se a Fama para fazer cortinas a este Sacrario, bordadas (como fazia a antiguidade) de olhos, de linguas, de orelhas. Das orelhas, com que deu ouvidos a tantos surdos; dos olhos, com que restituiu a vista a tantos cegos; das linguas, com que desimpediui a falla a tantos mudos. E por alma de todo este corpo milagroso, veja-se (como hoje se vê), e adre-se em custodia de cristal a mesma lingua de Antonio, depois da morte, viva, a tes da resurreição, resuscitada, apesar das cinzas, inteira, apesar da sepultura, immortal, e apesar dos tempos, eterna. =

Isto dizia o Padre Antonio Vieira em um sermão que prégou em Roma, na igreja dos portuguezes, e na occasião em que o marquez das Minas foi mandado significar obediencia a Clemente X.

Ao fallar de Lisboa, patria do Santo, tece o valente orador o mais pomposo elogio a essa cidade, dizendo «que depois de pôr freio ao nunca domado oceano, descubriu, conquistou, e sujeitou; e unio á Igreja Romana aquelles vastissimos membros do corpo do mundo, de que Roma já se chamava cabeça; mas ainda o não era.»

No que, porém, respeita ao Santo, não cabe sómente a gloria a Lisboa; repartida está ella com Padua: «Gloriosa Padua, exclama o orador, porque pôde dizer: *Aqui jaz*: gloriosa Lisboa, porque pôde dizer: *Aqui nasceu*.» Mas, qual das duas será mais gloriosa? Não se atreve o orador a decidir a questão, — e neste lance é Vieira tão discreto, como eloquente: «Fiquem as glorias de Santo Antonio de Padua, para a eloquencia elegantissima dos oradores de Italia: E eu, que me devo accomodar ao lugar, e ao auditorio, só fallarey hoje de Santo Antonio de Lisboa.»

— Era um prégador singular esta Padre Antonio Vieira! Na Escripura encontrava textos para provar tudo quanto podia favorecer a sua argumentação; mas, ás vezes para bem, e no interesse da justiça, da defeza dos direitos dos povos e das conveniencias da patria. Lá dava um geito, lá torcia, lá subtilisava... e por fim safa-lhe tudo á vontade.

Na igreja das Chagas, em Lisboa, fez-se uma festa a Santo Antonio no dia 14 de setembro de 1642. Foi prégado o Padre Antonio Vieira, e tomou para texto do sermão aquillo do Evangelho: *Sois o sal da terra*, — que muito affoutamente applicou ao santo de Lisboa, como se designadamente houvesse sido traçado para designar este. — O primeiro reparo que Vieira fez, foi o de se celebrar uma festa a Santo Antonio no dia 14 de Setembro, quando aliás é celebrada annualmente a 13 de Junho. Mas... como não haveria de ser assim? Convocados haviam sido a Côrtes os procuradores dos povos para o dia 13 de Setembro, e o Santo chegava na vespera, *porque vinha a Côrtes*, e nada menos do que na qualidade de *procurador do Céu*, que havia dias estava *pela Corôa de Portugal*.

Confessemos que não era máo esse procurador dos povos, eleito pelo Céu, por ser o sal da terra, a luz do mundo, e a cidade sobre o monte. Mas o Padre Vieira ia ainda mais adiante, porque, *humanamente fallando*, attribuiu a Santo Antonio as qualidades que deve ter um perfeito procurador de Côrtes. Quaes são essas qualidades? Ser fiel, e ser estadista. «E quem, exclamava o prégador, quem se podia presumir mais fiel, e ainda mais estadista que Santo Antonio? Fiel como portuguez Santo Antonio de Lisboa: estadista como italiano, Santo Antonio de Padua. Deu-lhe a fidelidade a terra propria, a rasão de Estado as estranhas.»

Grande foi o partido que o prégador tirou de uma tal ficção, pois que á sombra della foi inculcando os mais entranháveis sentimentos do amor da patria, a indispensabilidade da mais ardente dedicação e até sacrificios — da parte dos portuguezes, para assegurar a independencia nacional e a manutenção do rei portuguez no throno, em que a vontade geral o collocára.

No artigo immediato voltaremos ao nosso folgasão viajante, do qual nos desviámos um pouco.



Tombuctu

De diferentes modos encontrarão os leitores escripto o nome de Tombuctu, cidade muito nomeada da Africa central. Assim encontrarão este nome escripto dos seguintes modos: *Timbuctú*, *Temboctu*, *Tomboctkoo* e *Tombonton*, etc. Todos esses nomes servem para designar a cidade da Africa central, de que havia noticias muito antigas, mas á qual só chegou um europeu no anno de 1828. — É verdade que o major Laing fez as maiores diligencias por chegar áquelle ponto, e logrou, afinal, penetrar ali; mas, tendo sido as-

sassinado pelos mouros, perdeu-se a sua preciosa vida e com ella tambem as notas de sua viagem. — Mais feliz foi o francez René Caillé, natural de Manzé no Poitou, o qual, tendo partido — na idade de 15 annos — para o Senegal, se entregou ao improbo e arriscado empenho de penetrar no centro da Africa, e entrar em Tombuctu. Depois de dez annos de indiziveis lidas e perigos, conseguiu finalmente entrar naquella cidade. Voltou a França com a preciosa noticia do importante descobrimento que fizera, recebeu da Sociedade de Geographia o premio de 10:000 francos, e publicou em 1830 a narração de sua viagem. Oito annos depois, em 1838, morreu das doenças que trouxera da Africa, na idade de 39 annos.

O ponto de Tombuctu era importante, não só como centro de muitos caminhos, e proprio para calcular a posição e distancia de muitos logares, mas tambem como indicador das elevações comparativas, declivios e depressões do interior da Africa occidental. Ainda outra circumstancia o recommendava, qual era a de ser uma posição importante, com referencia á historia das migrações das tribus africanas, do desenvolvimento do commercio, e dos seus progressos na civilisação geral. — Foi, por conseguinte, muito apreciavel o serviço feito por Caillé.

Tombuctu, cidade do interior da Africa (Nigricia Central), é a capital do reino do mesmo reino. Está situada no meio de uma vasta planicie de areia branca, e dista — em linha recta — de S. Luiz do Senegal 1:350 kilometros. A população que se lhe attribuia, era muito exaggerada; não sobe a 20:000 almas; no entanto, na occasião em que chegam as caravanas tem uma grande animação, e ostenta ser muito populosa. As ruas são estreitas, as casas baixas, e muitas dellas cobertas de colmo; os seus arredores são estereis. É o emporio commercial do centro da Africa. Os habitantes recebem comestiveis e outros generos e mercadorias de Jenné: lenha e madeira de construcção, e sustento para gado, da povoação chamada Cabra; de Tádéine, a vinte dias de jornada para o lado do noroeste, recebem sal para seu uso e para um consideravel commercio.

Os habitantes, pretos e arabes, são extraordinariamente dados ao commercio. Os pretos vestem-se á moda dos mouros, e são zelosos mahometanos. Tem muitas mulheres, que empregam, do mesmo modo que escravos, no serviço ordinario de verdadeiras creadas. A nossa estampa representa uma das mulheres de Tombuctu, no traje de que usam, acompanhada de seu filho, que leva pela mão. — O tempo, e não será muito demorado, levará áquelle ponto do globo o benefico influxo da civilisação européa, e tornará muito mais importantes, a todos os respeitos, uma região até agora desfavorecida.

## AS LETRAS E OS LITTERATOS

### Considerações da actualidade

Não foi nunca o nosso paiz dos mais prodigos em proteger homens de letras, e todavia os talentos brotam aqui espontaneos, sem protecção nem arrimo, como em fertil terreno desabrocha a semente lançada ao acaso sem os desvellos e

sollicitudes do cultivador. Certo é porém que ás vezes a mais opulenta vegetação definha e morre á mingua, se mão caridosa lhe não vem refrigerar, com a abundancia de agoa, o ardor estival que lhe abrasa a seiva; e assim tambem, sedentos e famintos, se definharam peregrinos engenhos, nascidos no nosso torrão abençoado. Camões na enxerga do hospital, Bocage na miseria da devassidão, Filinto nas amarguras do exilio, Quita, Garcão, Mattos e outros mais quasi nos horrores da indigencia testemunham bem eloquente e dolorosamente o menospreço em que, nesses tempos que vão passados, eram tidos os desditosos, a quem a aureola do talento circumdava a fronte predestinada para a corôa do martyrio.

Victimas dos prejuizos d'uma sociedade absurda e immersa nas trevas do obscurantismo, os homens de letras ou gemiam sob a vingança dos grandes e poderosos, quando os arrojios do éstro os impelliam a verberar, com a energia da satyra, os vicios e as deformidades d'essa sociedade corrupta, ou assalariavam a musa para cantar inglorios louvores de uns Mecenas bastardos, que lhes davam em troca, com ignobil privança, as migalhas que caíam dos seus opiparos banquetes.

Os poetas lyricos ou dramaticos viviam n'esta triste servidão, maculando as candidas roupagens da musa que os inspirava ou no roçar das escuras paredes das masmorras, ou entre o delirio das orgias que tripudiava infrene nos salões dos opulentos; enquanto que os divinos sonhadores das sublimidades da epopéa devoravam em silencio, nas amarguras da obscuridade, o alimento que lhes amparava a vida e que se chama o anhelar da gloria, até que, extenuados, de decepção em decepção, iam cair ou no grabato da caridade publica, como Luiz de Camões, ou nas enxovias do hospital de alienados, como Torquato Tasso.

Taes eram nas volvidas eras, quasi sem excepção, os destinos da litteratura, que condemnava os seus cultores, como precitos, ao fogo perenne de um soffrer de toda a vida.

Mais tarde a sociedade acordou do seu dormir de seculos, e comprehendeu, por fim, nas suas aspirações menos ideaes e mais positivas, que o talento é um capital como qualquer outro e que ao seu possuidor incumbe tornal-o productivo por todas as operações, que não repugnem aos preceitos da moralidade. O homem de letras, então, conquistou uma posição social: rasgaram-se quasi simultaneamente os véos da ignorancia que, por seculos, haviam encoberto aos olhos do povo o sol brilhante do saber; e os cultores das boas letras começaram desde logo a explorar as novas propensões que se desenvolviam na multidão.

A litteratura alargou os seus ambitos, e nos moldes de eloquente prosa começou a vasar as amenidades, que eram quasi propriedade exclusiva da poesia.

A maior vulgarisação da imprensa, que já havia servido ás letras classicas, veio favorecer tambem as letras amenas, e a instituição do jor-

nalismo lançou o mais valioso cimento nos alicerces da illustração popular.

E data esta gloriosa revolução d'este seculo apenas! Na Allemanha, na Inglaterra, na França... na França principalmente começaram a enxamear brilhantes vocações — no romance, tornado daguerreotypo social; no drama, criação da musa scenica baptisada na escola romantica; na poesia emfim, desafrontada dos tenebrosos e solurnos templos, da Arcadia para desabrochar brilhante ao sol do pleno lyrismo. Victor Hugo, Lamartine, Musset, confraternisavam com Dumas, com Sue, com Scribe, com Sand, com Mery e com tantos outros, que mandavam a fama do seu nome desde um ao outro confim da Europa, e, confrangidos ainda na parte culta do o velho continente, transpunham a amplidão dos mares, para levarem o ecco do seu renome ao solo d'as duas Americas.

Não tardou que o commercio, esse gigante de cem braços e de cem olhos, se não apoderasse de nova mercadoria, que tão promettedora vinha de abundantes lucros, e não desse largo desenvolvimento ao mercado litterario, com grande vantagem para os auctores e para o publico. Desde então o editor tornou-se um negociante intelligente, que caminhava a passos largos para a opulencia, e não um visionario absurdo e ambicioso, a pretender, como os antigos alchímicos, extrair oiro do mais vil dos simples — a litteratura, conforme no nosso paiz ainda é considerado.

Portugal viu toda esta grande faina lá por fóra e não se commoveu demasiado: andava a braços com mais temerosas luctas, que lhe não deixavam ensejo sequer para pensar em laes futilidades!

Reconquistou a paz, e, como guerreiro valente mas por natureza preguiçoso, levou largo espaço a tomar o folego e a repousar dos esforços heróicos, que lhe haviam quasi extenuado as forças no affanoso lidar de tantos combates, travados para salvar a sua tradicional liberdade, que se lhe ia submergindo.

O seu acordar para as coisas litterarias foi de hontem apenas. Conhecemol-o todos. Estremunhado ainda e rabugento lá vae dando os primeiros passos, que não promettem, pela morosidade, levar-o muito longe.

«Temos o auctor, temos o editor, falta-nos crear o leitor», disse, ha pouco, o sr. Castilho, autoridade competentissima (quando quer julgar com justiça) em coisas de litteratura.

(Continúa)

C. B.

## BEATRIZ

Scenas da vida íntima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 322)

### XX

Beatriz achava-se sobremaneira enleada. Conhecía que o seu coração pertencia a D. Fernando e pensava de si para si que devia fugir d'elle, como de um abysmo, que lhe punha ante os olhos d'alma a sua morte. Quiz voar para longe da cabana, em que julgava ver um demonio e saía d'alli; mas o conde, desconhecendo todos os sentimentos que tumultuavam no seio da formo-

sa menina, seguira-a instinctivamente, sem notar a pressa que ella se dava, para lhe fugir; porque o cortejo de circumstancias funebres, que cercavam Beatriz, explicavam de sobejo o seu estado de distração.

Beatriz foi até o seu cavallo, sem proferir uma unica palavra. Montou-o sem esperar o auxilio que o conde lhe offerencia, e teve tenção de o espreoar com força, a fim de correr para longe do anjo máu, que a perseguia; mas uma atracção nervosa e irresistivel, a de abysmo, prendeu-a a D. Fernando, que metteu o seu cavallo a passo junto d'ella.

Respeitoso e em silencio seguira o conde Beatriz, que, distraida e fóra de si, deixou caminhar o seu cavallo á lei da sua vontade. O nobre animal perdeu-se e foi para muito longe dos sitios para onde ella queria dirigir-se. O conde respeitava, porém, sempre a dôr de Beatriz e julgava que ella desejava allivial-a, dando-se a um certo movimento physico, e afastando-se do logar em que acabava de presenciar uma scena tão triste.

Depois de muito caminhar, á mercê do seu cavallo, Beatriz tornou a si e reflectio no que havia de extravagante no seu modo de proceder, e com o fim de se justificar, naturalmente, lhe acudiram as seguintes phrases:

—V. ex.<sup>a</sup> sr. conde, perdoa-me este meu estado de afflicção? Nem eu sei o que tenho dito ou feito. Perdoe-me v. ex.<sup>a</sup> pelo amor de Deus.

—Mas que tenho eu que perdoar a v. ex.<sup>a</sup>? O estado de afflicção em que está só prova a bondade e nobreza da sua alma! Se até agora não exprimi a profunda veneração, que tenho pelo sentimento de v. ex.<sup>a</sup>, foi porque entendi dever respeitar o seu silencio.

—Então eu estive sempre calada? notou Beatriz com indisivel alegria; ella acabava de sair de um estado de agitação mental que nem ella mesma sabia se tinha pensado alto ou baixo. O conde percebeu-a e tornou-lhe a seguinte resposta:

—V. ex.<sup>a</sup> dizia, muito pela expressão do seu rosto, mas por palavras nada...

—É que exprimia meu rosto sr. conde?

—Uma dôr intensa, um sentimento profundo pela falta de Maria e uma como desesperação por ver o estado de agonia da pobre velha.

Beatriz sentia todas essas dores, é verdade, mas exacerbadas pelo sorriso do conde, cujos effeitos ella começava a ver que elle ignorava, e por isso lhe perguntou:

—E não pensei mais nada?

—Creio que não, minha senhora.

Beatriz, alma candida estremecera quando o conde lhe dissera que no seu rosto lera a expressão de tudo que ella sentira. Quando, porém, elle lho explicou, sorriu-se de si propria, pela ingenuidade com que acreditava que elle havia descoberto os seus pensamentos mais intimos.

Terminado esse breve dialogo, caminharam por mais algum tempo até que chegaram ao pé de dois chorões, que pendiam sobre uma ribeira, cujas aguas cristalinas corriam por um terreno inclinado e pedregoso. Era elevado o sitio em que se achavam; dominava o resto do valle. Dalli divisavam as casas que alvejavam por entre a verdura, enxergavam os seus campos e ouviavam os murmurios das aguas, que serpenteam atravez d'elles e as toadas melancolicas do campanario, que se levantavam sobre as habitações

da aldeia. Nas eiras, homens e mulheres respigavam, lidando com affan, no grangeio de suas terras. Todas essas scenas campestres estavam coando para o mais intimo d'alma pensamentos de paz, amor e esperanza. Beatriz, fatigada da agitação que a tomara até então, apeara-se e, amarrando o seu cavallo a uma das arvores, sentara-se junto da outra n'uma relva, que lhe era tapete, reclinando-se brandamente numa pedra, que lhe servia de costas ao sophá, que a natureza lhe deparara; o conde, seguindo-lhe os passos, collocara-se perto della. Enlevados na muda e mutua contemplação de si e da natureza, amavam-se como os anjos no céu, num extasi de amor platónico. Nesse instante de felicidade completa uma só idéa occorreu a ambos, uma só phrase lhes acudio, o conde foi, porém, quem a exprimio.

—Como seria risonha, disse elle, a vida, se ella fosse sempre animada pela felicidade que neste momento sinto! Oh! como eu desejava que a minha existencia e a dos seres exteriores, que me cercam, ficasse para todo o sempre estacionaria e animada pelo mesmo sentimento, que neste instante me domina.

Beatriz acrescentou adrede para despertar idéas sobre que ella desejava ouvir fallar o conde.

—E dizer que ha homens tão maus que não acreditam no céu!! como se o que nós estamos sentindo não fosse uma imagem precursora do que lá se logra!

—V. ex.<sup>a</sup> deveras cuida que são maus todos os homens que não têm fé na existencia de uma vida além da campa?!

—Creio que sim e até me admira que v. ex.<sup>a</sup> me faça uma pergunta dessas, pois não acredito em bondade sem virtude.

—Mas v. ex.<sup>a</sup> não acha que podem haver homens capazes de serem bons, sem serem noutra vida, sem terem esperanças de recompensas? Não lhe parece que a virtude encerra em si propria o seu premio, e que muitos a exercem sem idéas de outro premio, que não seja o prazer de a praticar?

—Julgo e não posso deixar de julgar que mau é o coração do homem que não tem fé na immortalidade da sua alma.

—Mau! e porque? replicou o conde.

—Porque, tornou Beatriz, lhe ha de faltar o animo para a virtude, que nasce da esperanza no premio que aguarda o homem de bem além do espaço.

—Então v. ex.<sup>a</sup> tem para si que a virtude só nasce por interesse. Desse modo v. ex.<sup>a</sup> só se desvelou em suavisar as ultimas horas de Maria, por que espera mais tarde colher uma recompensa desse acto de caridade.

—Perdôe-me v. ex.<sup>a</sup>, mas eu não julgava que me tinha por incapaz de uma acção boa a ponto de vér um calculo num mero impulso do coração! Estas palavras foram pronunciadas com um accento de resentimento bem notorio; o conde respondeu-lhe:

—Eu, minha senhora, não o suppuz. V. ex.<sup>a</sup> é que o disse; mas agora vejo que reconhece que a virtude nada tem que ver com a immortalidade da alma. O homem verdadeiramente moral, senhora D. Beatriz, não o é por querer ganhar o paraíso, mas por desejar obedecer aos dictames da sua razão, presando a sua dignidade de ser livre.

Beatriz, creada com todos os preconceitos de

uma religião mui estreita, sentia pelo coração um maravilhoso instinto do bem; sua intelligencia, porém, desconhecia muitos dos principios moraes, que mais elevam a alma humana. A idéa vulgar de que sem crença na immortalidade da alma não ha ser virtuoso; era preconceito de que ella se não havia ainda libertado, e por isso se horrorisava tanto do conde; todavia, as reflexões de D. Fernando calaram-lhe no intimo da alma.

Comtudo, as impressões indeleveis dos preconceitos bebidos na infancia e arreigados pelo habito não se debellam num instante, e por isso Beatriz sentia sempre que D. Fernando não tivesse fé nessa idéa, que a animava e não se pôde esquivar a perguntar-lhe:

—Mas deveras não acredita noutra vida!? acha por ventura, que esta acaba no pó do tumulo?!

—Achava, até hoje, que a minha infelligencia me não permittia deparar com bases solidas para nellas formar essa crença. Agora, porém, o amor de v. ex.<sup>a</sup> inspira-me tão vivo o sentimento do infinito, e faz-me descortinar uma vida tão repassada de felicidade celestial que não posso duvidar um só instante mais que o ser supremo nos faça antever um viver tão de encantos, para nos impôr um supplicio de Tantaló.

Beatriz, ao ouvir a declaração do conde, corara até as raizes dos cabellos. O seio agitara-se-lhe com desusado tremor. Os olhos arrasados de lagrimas fitara-os no chão, o seu rosto, porém, abrija-se como uma flôr para receber os primeiros raios da aurora. Passado o primeiro alvoroço, levantou-se tremula e com os olhos sempre no chão, desatou o cavallo e montou-o com immensa ligeireza, pondo-o a caminho de sua casa. O conde seguiu-a distraido. Quando estavam a chegar a casa de Beatriz, esta voltou-se para o conde e estendendo-lhe a mão com uma effusão de sentimento mui visivel, disse-lhe:

—Até a noite em que tenho muito que lhe dizer .....

(Continúa)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

Acabaram de publicar-se e acham-se á venda na livraria do seu editor, Rua Aurea n.º 132, as seguintes obras: o 5.º e 6.º vol. dos Sermões pelo conego Francisco Soares Franco, 2 vol. 960 réis; Memorias da Mocidade (chronica de Coimbra) pelo mesmo, 2 vol in-8.º, com um esboço da sua biographia por Ernesto Marecos, 1000 réis; Contos e Recordações, romance, pelo mesmo, vol. in-8.º, 500 réis; — A Cruz pelas riquezas, romance historico, por Carlos Pinto de Almeida, vol. in-8.º, 600 réis; A Conquista de Lisboa, romance, pelo mesmo, 1 vol., 500 réis; — Contos Largos, por J. G. dos Santos Lima, 1 vol. in-8.º 320 réis; — As confidencias e uma surpresa, por Ernesto Marecos, 1 vol. in-8.º, 400 réis; Savitri, lenda indiana, pela mesmo, 140 réis; Juca a Matumbolla, lenda africana, pelo mesmo, 1 folheto, 160 réis; Juramentos bem cumpridos, romance, pelo mesmo, 1 vol., 600 réis; Primeiras Inspirações, poesias, pelo mesmo, 1 vol. 600 réis; — Diccionario Aristocrata, que contém todos os alvarás dos foros de fidalgos da real casa, medicos, reposteiros, e porteiros da real camara do numero, titulos e cartas de conselho, desde 1808 até setembro de 1822, 1 vol. in-8.º, 400 réis; — Escola do Matrimonio, comedia em 3 actos, por Lopes de Mendonça, 1 vol., 400 réis; — O que é o destino, comedia em 1 acto, por Araujo Assis, 1 folheto, 100 réis; Trevas e Luz, drama em 5 actos, pelo mesmo, preço 300 réis; Duvidas do Coração, drama em 1 acto, pelo mesmo, 120 réis; — A Vingança, opereta, por José Ignacio de Araujo, 80 réis; — A morte do renhaunhau, destempero tragico carnavalesco, pelo mesmo; Procopico, o iman dos corações, poesia comica, pelo mesmo, preços 40 réis.